

APRESENTAÇÃO DA 34ª EDIÇÃO DA TRAVESSIAS

A partir de diferentes perspectivas teóricas e há tempos, a noção de gênero(s) tem sido posta em discussão. Em 1968, em seu livro *Sexo e Gênero* (1968), o psiquiatra Robert Stoller menciona o conceito de gênero, descrevendo os processos de construção dessas identidades (de gênero) por meio da articulação entre processos sociais, nomeação familiar e questões biológicas. Aponta Saffioti (1987) que, embora não houvesse formulado o conceito de gênero, Simone de Beauvoir, já na década de 1950, em sua famosa frase “Não se nasce mulher, torna-se”, lutando contra o essencialismo biológico, indicou ser a sociedade responsável pela transformação do bebê em mulher ou homem, sendo, desse modo, considerada, por diferentes movimentos feministas, a precursora do conceito de gênero. O que desloca aqui é a evidência de que a sexualidade estaria ligada diretamente a um dado identificável no corpo de saída com apenas dois elementos em jogo. Contudo, como salientam Iannini e Pedro Heliodoro Tavares (2018, p. 31), algumas décadas antes, já teria Sigmund Freud contribuído para essa problematização ao pontuar que corresponderia à singularidade da Psicanálise não desejar descrever o que é a mulher, mas investigar como ela torna-se mulher. É também do precursor dos estudos sobre o inconsciente a assertiva de que é preciso colocar uma interrogação diante disso, afinal “o que quer uma mulher?” produz uma questão que atravessa temas como a origem mítica da família, a vida sexual, a maternidade e a ordem da cultura. Tais apontamentos nos dizem de uma complexidade não sem consequências para os exercícios de formalização.

No Brasil, o conceito de gênero espalhou-se rapidamente a partir da publicação da tradução do texto de Joan Scott “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” (1995). Nele, Scott, por meio da discussão de diferentes correntes (históricas) de pensamento, critica o conceito de patriarcado e define gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e como uma forma primária de dar significação às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Também os trabalhos de Butler são associados a esse conceito que, por meio de leitura da performatividade na linguagem, propõe desfazer a dicotomia sexo/gênero. Para a autora (BUTLER, 2008), gênero, enquanto performance, não é nem um conjunto, inscritos no corpo de significados culturais, nem a interpretação de um corpo sexuado, porém, um conjunto de normas instituídas, mantidas e repetidas sobre o corpo que geram e tornam a pessoa viável ou inviável.

Em uma perspectiva discursiva, de acordo Pêcheux (1997), o sujeito marca um modo de estar na linguagem, inscrevendo uma posição construída sócio-historicamente. A partir das coordenadas da língua e da história, é possível escutá-lo em sua incompletude e opacidade, entremeadado em um jogo no qual aparecem as formações ideológicas e imaginárias sobre o que deve e pode ser atribuído à mulher e o que lhe fica interdito na trama social. Orlandi (2017, p. 210) contribui para pensar isso nos seguintes termos: “Por ser considerado um ‘papal’ social, dizem alguns autores que afirmam esta noção, o gênero pode ser construído e desconstruído, ou seja, pode ser entendido como algo mutável e não limitado, como definem as ciências biológicas. Ora, não é bem assim, na perspectiva discursiva. Pois, se não é a ciência biológica, ou o binarismo social (homem-mulher), que nos determina, no funcionamento da ideologia, não é nossa vontade pessoal tampouco que inscreve/define nossos processos de identificação, nem apenas o modo como somos individuados”.

Diante desses diferentes posicionamentos e teorizações, o Dossiê Temático *Gênero: revisitando teorias, movimentando análises*, apresentando nove artigos e uma resenha, dedicou-se a estudos e pesquisas que se ocuparam em problematizar e analisar como a noção de gênero constitui-se no interior das Ciências Humanas, Sociais e da Linguagem, bem como analisar como

as diversas identidades de gêneros são constituídas, reunindo assim um conjunto de reflexões que envolvam modos de constituição, formulação e circulação de sentidos para o(s) gêneros e subjetividades LGBTQ+ e(m) seus movimentos sociais na contemporaneidade.

Em *Corpos discursivos: a construção da maternidade na obra de Bianca Dias*, Jacob dos Santos Biziak analisa o livro *Névoa e Assobio*, de Bianca Dias, com ilustrações de Julia Panadés, com o intuito de refletir sobre a construção discursiva da maternidade e as suas relações com o luto e a melancolia.

No texto *Transgeneridades no debate atual sobre as políticas de identidade: (des)construções e tensionamentos ao paradigma heteronormativo no Brasil*, Amanda Pereira de Carvalho Cruz propõe como objetivo discutir as terminologias utilizadas para denominar experiências de sujeitos em meio a transgressões, diferenciações e rupturas a referenciais heteronormativos, principalmente, os termos transgênero e transgeneridade. Como pontua a autora, os usos das categorias identitárias não são aleatórios e a necessidade de identidades coletivas pode facilitar uma rearticulação democrática e fazer emergir questões que gerem peso crítico dentro de direitos sociais frente ao poder público.

Já o texto *Dicionário colaborativo online: efeitos de sentido sobre o significante casamento*, de Beatriz Curti-Contessoto e Fernanda Correa Silveira Galli, objetiva analisar os efeitos de sentido que emergem de algumas definições do significante *casamento* encontradas no Dicionário inFormal (2018). Em suas análises, as autoras mostram que os sentidos filiam-se a questões religiosas e conservadoras, mais “liberais” e “atualizadas” e também machistas.

Em *Gênero e violência de gênero no espaço escolar*, Fernanda Luzia Lunkes analisa a elaboração coletiva de uma história em quadrinhos sobre gênero e violência de gênero, cuja proposta foi circular em diferentes espaços, sobretudo no espaço escolar. A autora mostra como a história em quadrinhos pode colocar em circulação discursividades outras, as quais permitiram a visibilização de sujeitos segregados socialmente, produzindo enquadramentos sobre a cotidiana violência de gênero em um gesto de não fechamento de sentidos.

Aline Fernandes de Azevedo Bocchi, em *Témoignages de violence suite à la consultation avec les gynécologues: sexualités, silence, marge*, busca refletir acerca da relação entre o poder médico e os discursos normativos sobre sexualidade, a partir da análise de práticas de linguagem de depoimentos de lésbicas, bissexuais e transexuais, após consulta a seus ginecologistas. A análise permite perceber como o universalismo do discurso médico produz uma normalização dos corpos a partir de pré-construídos e estereótipos acerca das sexualidades.

Já o texto *Mulheres anarquivadas: testemunho, violência e condição feminina em Nossa Senhora do Nilo, de Scholastique Mukasonga*, de Pilar Lago e Lousa, analisa a obra *Nossa Senhora do Nilo* (2017), de Scholastique Mukasonga, com o objetivo de refletir acerca do modo como a condição feminina é na obra literária retratada. Como a autora mostra, o liceu Nossa Senhora do Nilo preparava a elite feminina de Ruanda para assumir seu papel na sociedade e, no romance, ao desvelar o dia a dia das alunas, Mukasonga constrói uma narrativa que tensiona o ambiente privado como reflexo de uma sociedade excludente.

Adriane Figueira Batista, em *Diálogos possíveis: masculinidades subvertidas em Caio Fernando Abreu e Mia Couto*, analisa recortes de contos extraídos de *Cada homem é uma raça* (2013), de Mia Couto, e *Morangos mofados* (2009), de Caio Fernando Abreu, buscando compreender, pela via do texto literário, como um homem se constrói enquanto sujeito e como é pensado dentro dos processos de alteridade.

O texto *Perspectivas teóricas e práticas acerca dos estudos de gênero, sexo e sexualidade*, de Samira de Moraes Maia Vigano e Gabriela da Silva, reflete a respeito de experiências vivenciadas entre sujeitos em uma oficina sobre gênero, sexo e sexualidade realizada com estudantes de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina. Nessa oficina, como as autoras mostram no artigo, buscou-se debater, por meio de dinâmicas e exposição teórica, as concepções de gênero, sexo e sexualidade no contexto social, cultural e político contemporâneo, compreendendo como esses conceitos contribuem para que as questões do corpo, da sexualidade, da identidade de gênero e de orientação sexual na prática escolar sejam discutidas e problematizadas.

Em *Entre a resistência e a submissão à norma: o discurso de e sobre o gênero Trans*, último texto da seção de artigos, Frederico Sidney Guimarães faz uma análise, a partir de recortes de discussões selecionadas de um perfil de uma transexual na rede social *Facebook*, buscando compreender o posicionamento discursivo desse perfil, o qual resiste a uma norma ao mesmo tempo em que se submete a essa norma no próprio funcionamento dos efeitos de sentidos que constituem os sujeitos.

O dossiê traz ainda a resenha *Pelo direito e orgulho de ser heterossexual no terceiro domingo de dezembro*, de Luiz Augusto Ely, a qual analisa o livro *Pelo direito e orgulho de ser heterossexual no terceiro domingo de dezembro*, de autoria de Héilton Diego Lau, em que o autor busca analisar a justificativa de dois projetos de lei com vistas à instituição do Dia do Orgulho Heterossexual.

Por fim, por meio desta breve apresentação, convidamos os leitores a explorarem este dossiê, revisitarem teorias e refletirem acerca dos gêneros na contemporaneidade. Sabemos que o tema não se esgota aqui, que a equivocidade sempre ronda as palavras e o modo como dizemos das coisas a saber, que a palavra gênero e seu plural implicam considerar um campo aberto à plurissignificação e à tensão, e que estabelecemos com o mundo uma relação em que a incompletude está sempre presentificada. Ainda assim, teimamos em tecer algum contorno simbólico em torno do tema, certos de que isso mantém porosas as brechas significadas pelos silêncios, pelas hiências e pelo furo.

*Os organizadores,
Alexandre Sebastião Ferrari Soares (UNIOESTE)
Dantielli Assumpção Garcia (UNIOESTE)
Lucília Maria Abrahão e Sousa (FFCLRP-USP)*

REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- IANNINI, G.; TAVARES, P. H. Sobre amor, sexualidade, feminilidade. In: FREUD, S. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Coleção Obras Incompletas de Freud. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- ORLANDI, E. A ordem da língua e dêixis discursiva (uma crítica ao linguisticamente correto). In: ORLANDI, E. **Eu, Tu, Ele: Discurso e real da História**. Campinas: Pontes, 2017.
- SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- SCOTT, J. W. [1986]. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul-dez, 1995, p. 71-99.
- STOLLER, R. **Sex and gender: the development of masculinity and femininity**. New York: Science House; 1968.